

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento sa-
manal, Lisboa, mês 950; Província, 3 me-
ses 2850; África Portuguesa, 6 meses
7000; Estrangeiro, 6 meses 11000.

Afinal, quem manda?

Há uma pergunta que aflora aos lábios de certas pessoas criteriosas que, não comungando em nenhum credo político, têm entretanto um grande valor — o valor de não terem a animá-las nenhum *partis-pris* político. Essa pergunta que é quase normal em quasi todos os centros de cavaco é simples, pequena, sintética: Quem manda?

Quem manda? Esta interrogação anda realmente nos lábios de quasi toda a gente. Quem manda? Se nós quisermos responder com uma certa precisão a esta pergunta, não sabemos. É difícil, na situação que se atravessa, que não é carne nem peixe, devido à desorientação de Gomes da Costa e às indecisões de Mendes Cabeçadas, responder a esta pergunta.

E entretanto, toda a gente pergunta: Quem manda? E nós formulamos idêntica pergunta a nós próprios. Quem manda? Os monárquicos? Os republicanos sem filiação partidária? Os democráticos? Não sabemos responder. Temos, porém, a impressão de que, apesar de contradições pelo ambiente, são os monárquicos que dão cartas na presente situação. Eles surgem com retratos e tudo nas colunas dos jornais a pontificar, a aconselhar, a dizer larachas, a influir, enfim, na marcha dos acontecimentos. E, quando não são os monárquicos, franca e abertamente monárquicos, que falam como se fossem donos disto, são os fascistas, aqueles homens que pontificam nas fólias conservadoras e monárquicas como se fossem monárquicos autênticos.

Há quem compare a situação de agora à dezembrista. E realmente existe um pouco de parentesco entre o movimento militar e a revolução de Sidónio Pais. Verificam-se as mesmas manobras monárquicas e reaccionárias, tentando impedir os dirigentes de hoje, que não têm programa nem ideias, para um beco tortuoso de atitudes antipáticas e prejudiciais ao espírito liberal do povo trabalhador.

Por mais que nós queiramos confiar na situação presente, não há possibilidade de uma pessoa de boa fé, quer seja avançada ou retrógrada, perceber o que querem e o que pensam os actuais governantes. Mendes Cabeçadas e Gomes da Costa, partindo do princípio de que desejam acertar dentro das suas atribuições, conduzem-se de uma maneira tão dúbia que nós nunca chegamos a saber o que eles pensam nem o que eles querem realizar. Temos deles a detestável impressão de que, não tendo vontade nem pensamentos próprios, se deixam arrastar ou impeller pelas pessoas que os manejam com habilidade. Se assim é, de facto, existe um perigo suspenso sobre as liberdades populares, porquanto os monárquicos instalam-se nos ministérios, rodeiam o actual governo, sopram-lhe aos ouvidos as suas ideias e métodos reaccionários, e amanhã nós podemos, num regime pintado de verde e vermelho, ser governados por processos absolutamente realistas.

É necessário que a situação se defina. Esta situação que atravessamos é incerta e perigosa. Para ela continuamos a chamar a atenção do proletariado, porquanto não sabemos ao certo quem manda.

A quem pertence afinal a situação: aos monárquicos ou aos republicanos? Por quem somos governados? Temos a convicção de que o próprio governo, não tendo a consciência dos seus actos, também não sabe o que está a fazer.

A questão mineira inglesa

O governo dos soviéticos acusado de subver-
são a greve

LONDRES, 11.—O ministro do Interior foi ontem interrogado na câmara dos comuns sobre a atitude do governo acerca da contribuição feita pelo governo russo para o fundo de resistência da federação dos mineiros.

Sir William Joynson Hicks, respondendo às interpeleções, declarou que os membros do governo dos soviéticos russos têm feito durante os últimos dois anos repetidas declarações públicas manifestando o seu desejo e intenção de interferir nos assuntos económicos da Inglaterra e assim tornaram bem conhecida a sua intervenção na greve geral e na greve dos mineiros.

O ministro acrescentou estar informado, por telegramas recebidos da Rússia, das consideráveis somas de dinheiro, que se elevam a centenas de milhares de libras, primeiramente enviadas a propósito da greve geral e depois à federação dos mineiros.

Sir William terminou afirmando ser o assunto de grande importância, pelo que merece a devida consideração do governo britânico, e prometendo novas declarações sobre o assunto na próxima quinta-feira.

O sr. Macdonald pediu seguidamente a palavra, perguntando como se pode afirmar que o governo russo tenha enviado fundos à federação dos mineiros para sustentar a actual greve.

O ministro do Interior respondeu ao «leader» trabalhista que as informações recebidas pelo ministério dos Negócios Estrangeiros são completas sobre o facto do governo russo ter enviado dinheiro para fomentar a greve geral, dinheiro que agora está sendo enviado por diversos organismos, a propósito da greve dos mineiros.

A ruptura das negociações entre patrões e operários

LONDRES, 11.—O governo foi ontem interpellado por Macdonald e por Lord Cavendish Bentinck, sobre a política governamental acerca da falência das negociações entre patrões e operários.

Baldwin respondeu que a tarefa de tor-

nar efectivas as recomendações da comissão oficial do carvão interessava principalmente a própria indústria; o governo viu, porém, rejeitadas as suas propostas, mas está continuando a preparar as medidas legislativas e administrativas indicadas pela comissão.

O primeiro ministro afirmou não poder fazer mais declarações, marcando a próxima terça-feira para o debate sobre a questão mineira, ocasião em que poderá responder a todas as perguntas de Macdonald.

O carvão estrangeiro
GLASGOW, 11.—Pela primeira vez, desde há cinco anos, desembarcou neste porto carvão estrangeiro, em consequência da greve dos mineiros.

Os socialistas contra o acordo franco-americano

PARIS, 11.—Reünio-se o grupo socialista, manifestando-se em oposição com o acordo franco-americano relativo às divisões, em consequência da falta de cláusula de salvaguarda.

O grupo parlamentar apresentará uma moção convidando o governo a remediar aquela falta.

Balibórdia na Sociedade das Nações

GENEVA, 11.—O sr. Melo Franco, representante do Brasil na Sociedade das Nações, entregou na secretaria da Sociedade a demissão do seu país como membro do conselho. O Brasil não deixará contudo, por este motivo, de pertencer à Sociedade das Nações. A Espanha resolveu desinteressar-se da eleição dos membros do conselho enquanto não obtiver nele um lugar permanente.—(H).

Para que o mundo veja...

GENEVA, 11.—O secretário do Partido Republicano Húngaro, filho do ex-ministro húngaro De Just, agrediu publicamente o cónde Bethlen, nos corredores da Sociedade das Nações. O agressor, que foi imediatamente preso, declarou pretender, com o seu gesto, castigar um criminoso e encorajar a Hungria a repudiar o jugo vergonhoso de semelhante tirano, perigoso para a paz da Europa.—(H).

Do Comité Pró-Presos por Questões Sociais

Mais uma vez este Comité apela para todos os trabalhadores, para que hoje, sábado, não se esqueçam dos seus camaradas que se encontram presos, tirando queques nas fábricas, oficinas e outros locais de trabalho a fim de ser minorado o sofrimento daqueles que se encontram jazendo nas masmorras, devido à péssima constituição da actual sociedade.

Não esquece este Comité a maneira agradável como têm sido recebidos os seus apelos.

Neste momento este Comité vê-se forçado a apelar mais uma vez para a vossa solidariedade monetária para que amanhã não seja forçado a suspender os subsídios por falta de verba.

Auxiliar os presos é um dever de todos os produtores!

Hoje por eles amanhã por vós!
Todas as importâncias deverão ser entregues ao Comité na sua sede, das 20 às 23 horas.

O Comité

A CRISE NO ALGARVE

As autoridades portuguesas estão auxiliando as "parelhas" espanholas na sua obra de extermínio, enquanto a população de Olhão se debate na mais triste das misérias

OLHÃO.—Numa das minhas crónicas sobre Olhão, quando me referia à obra de extermínio do peixe levada a efeito pelas parelhas espanholas, insinuei que um dos motivos, senão o principal, porque *nuestros hermanos* accionavam tão livremente era a protecção criminosa que lhes dispensavam as autoridades portuguesas. Assim é, como veremos a seguir.

Já explicámos como é exercida a pesca em todo o litoral pelas parelhas espanholas. Por essa explicação os leitores de *A Batalha* ficaram conhecendo que os espanhóis pescam com artes de arrasto a vapor em toda a costa, quando só poderiam pescar de seis milhas para fora da costa de Portugal, e não a poucos metros de distância da linha do litoral como às vezes fazem.

Consumando-se este atentado às leis que regulam o exercício da pesca, fomos procurar alguém que nos informasse como era possível, por parte dos espanhóis, essa delinquência. E um dos nossos informadores esclarece-nos:

—Há cerca de um ano que os espanhóis pescam livremente em toda a costa.

—Para as parelhas não há jurisdição.

—Cada parelha pesca onde lhe convém sem respeito algum pela linha demarcada.

—E as autoridades encarregadas da fiscalização o que fazem em toda a costa?

O nosso entrevistado encolheu os ombros, fez um gesto de indiferença e respondeu-nos:

—Quando um dia se fizer a verdadeira história da obra trágica das parelhas espanholas, muita miséria moral terá que vir à supuração...

E nestas expressões enigmáticas o nosso collocador dispunha-se a prosseguir, quando o advertimos:

—Mas não pode explicar-nos até onde vai a protecção das autoridades?

Houve uma nova recusa do nosso informador. As revelações que tinha a fazer eram tão graves que receava assumir a sua responsabilidade.

Como não desistíssemos de o interrogar, ao cabo de algum esforço a confissão surgiu e com ela veio uma grande clareira de luz sobre o caso:

—Em toda a costa há uma número grande de barcos encarregados da fiscalização. Mas como já ficou dito em toda a costa se pesca livremente porque as autoridades encarregadas da fiscalização dormem enquanto as parelhas pescam e velam quando os espanhóis descançam...

—E é a que se limita a obra dos agentes encarregados da fiscalização?

—Não, senhor. Se fosse apenas este fechar de olhos ainda a coisa não seria tão revoltante...

—Então?

—Há muito pior. Os espanhóis são auxiliados pelas autoridades portuguesas na sua sinistra obra!

—?!—

—Toda a acção desenvolvida pelos tripulantes das parelhas é combinada com as autoridades deste país onde vivemos.

Muito indignado:

—Ainda não há muitas horas apareceu em determinado ponto da costa algum peixe. Para esse ponto convergiram os círculos portugueses na esperança de apanharem o peixe. Pois sabe o meu amigo o que succedeu? Apenas isto:

—As parelhas espanholas que se encontravam bastante afastadas do local onde apareceu o peixe foram imediatamente avisadas.

—E quem as avisou?—preguntámos.

—Fôram as próprias autoridades portuguesas!

—Nomes, conhece?

—Como compreende a rede de espionagem dos espanhóis é muito extensa. Conhecer os nomes de todos os seus agentes é algo difícil.

E explica:

—Não se pode tirar outra dedução: sendo privativo do conhecimento das autoridades encarregadas da fiscalização alguns casos, como se explica que os espanhóis, antes dos portugueses serem informados, conheçam esses mesmos casos? Não se aceitando que a telegrafia possa estar ao serviço dos espanhóis, facilmente se acredita, sem grandes provas jurídicas, que sejam as autoridades portuguesas cúmplices na obra de extermínio das parelhas.

A terminar:

—Pode asseverar na *Batalha* que dessa fiscalização que existe na costa só aproveitam os espanhóis.

As revelações que aqui deixámos exaradas foram-nos feitas por uma criatura de reconhecida probidade e que em Olhão vive há muitos anos. Outras pessoas que as ouviram confirmaram-no em absoluto.

Logo, a miséria que avassala as classes laboriosas desta triste vila são responsáveis algumas criaturas que pela natureza das suas funções deveriam ter uma maior integridade de carácter.

A população operária do país está condenada a morrer prematuramente

Iniciaram-se no primeiro deste mês as inspecções para o serviço militar. O número dos apurados tem sido diminuto, em virtude de se verificar que os inspecionados, principalmente os naturais de Lisboa, não têm a relativa robustez física que o serviço militar reclama.

Aqui está um tema para dar assunto às congeminações dos patriotas e principalmente dos *patriotinhos* que para aí andam, numa roda viva, exaltando o valor da raça, proclamando a sua energia e a sua capacidade para futuros cometimentos guerreiros. Não nos parece que um exército constituído por tuberculosos, por raquíticos e por depauperados possa povoar com vantagem, para as loucas e criminosas ambições imperialistas, os campos de batalha do futuro. Um exército composto de soldados com os pulmões ulcerados e propícios a hemoptises não serve para se bater mas para entrar em massa nos hospitais.

A raça, senhores *patrioteiros flâneurs* das esquinas do Chiado ou dos almiscarados centros reaccionários e da elegante *Crusada Nun'Alvares*, é composta por criaturas esqueléticas e anémicas — pelos esfomeados que trabalham em troca de salários que nem sequer uma alimentação decente lhes consentem.

Somos inimigos das guerras e amantes entusiastas da paz. Detestamos o militarismo por considerá-lo um anaerionismo perigoso e ruinoso. A humanidade viveu muito tempo dominada pelos guerreiros e pelos padres: os conventos foram-se, mas os quartéis ficaram. Em compensação, os militares persistem, embora o culto do militarismo tenha sofrido um rude golpe, a ponto de ser impopularíssimo.

Agradar-nos-ia bastante que tivesse sido apurado um número restrito de operários para soldados, se tal facto se não desse por incapacidade física. E que nós lamentamos o depauperamento físico da raça não por a tornar incapaz de se lançar em aventuras guerreiras que terminam em hediondos massacres, mas sim por constatar que a maioria, a grande maioria dos operários, uma percentagem esmagadora sobre a população total do país, está condenada a morrer prematuramente.

Causas: a desenfreada exploração dos capitalistas: industriais e comerciantes. Exploração que se afirma no número excessivo de horas de trabalho, nos salários irrisórios e na falsificação dos géneros alimentícios.

Os *patrioteiros* falam na raça mas aplaudem a exploração que a vitima, que transforma o país na pátria da tuberculose. A União dos Interesses Económicos por meio do seu órgão na imprensa *O Seculo* defende este trágico estado de coisas.

Caminha-se para o abismo. Se a actual situação económica persistir dentro de poucos anos Portugal será um país quasi exclusivamente habitado por tuberculosos. E como a física é terrivelmente contagiosa, o bacilo de Kock tornar-se-há uma instituição nacional.

Ninguém pode trabalhar sem comer. E a maioria, a esmagadora maioria dos operários, não tem uma alimentação condigna. Seu estômago nunca se satisfaz: vive na ilusão dum alimento que nunca é nem abundante nem sadio. De modo que para o operário português só dois recursos existem: ou morrer prematuramente ou emigrar. Há ainda um terceiro, o único aconselhável, o único que pode ser uma solução: a união de todos os operários nos seus sindicatos para organizar uma resistência eficaz contra a exploração que os condena à morte. Estará o operariado disposto a isso? Ou prefere deixar-se morrer?

ASSINEM Os mistérios do Povo

ATRAVEZ DE ÁFRICA

O regime prisional de Loanda é tão bárbaro quanto primitivo

Nas masmorras os degradados arrastam uma existência que afronta a dignidade humana — Os horrores dos presidios de São Miguel e do Penedo e os "ferros de engomar" de São Pedro da Barra

Quando outro dia eu lhes disse que Loanda era uma cidade feia, com muitos automóveis, muita cerveja e muitos funcionários públicos, eu não menti. Mas devia acrescentar que a par de tudo isso se trabalhava bastante, existindo já uma razoável população operária e comercial. Faço esta rectificação voluntária para que ninguém suponha que apenas vi uma população de gente que fuma, bebe e passeia desocupada. Há aqui, pequena ou grande, uma capital erigida, uma obra projectada, e tudo isto representa trabalho.

E até mesmo a cidade, com seu ar sereno de grande vila alentejana, mas acanhadamente portuguesa, quando a gente entra a passeá-la nas avenidas novas da Alta, para os lados da Malanga, Musseques, Bairro Operário e Agricultura, vai-lhe descobrindo encantos e apagando imperfeições. Mas o que eu não rectifico é a impressão desoladora que dei acerca dos emigrantes sem trabalho, que dormem nos vãos das portas e nos bancos dos jardins, e sobre a trágica existência que levam aqui os degradados. Sobre tudo acerca dos degradados é que quero falar.

Ah! Os degradados! Eis a mancha negra de Loanda, que nos persegue e oprime em qualquer lado para onde lancemos os olhos.

A vida torturante dos degradados

Loanda oficial—esta Loanda das obras públicas e trabalhos municipais—tem sido construída, pedra a pedra, com o suor e o sangue desses degradados que vêm para o degrado. Ainda há poucos dias foi inaugurada uma bela ponte sobre um rio que teve de ser rasgado para entrar na cidade. Essa linda ponte, com soberba vista sobre o mar, é sítio ameno, de aragem branda, onde o corpo pode repousar e o olhar se desprende fascinado; mas a gente entra a considerar que aquilo foi obra dos degradados, scisna nas suas dores e maldições, na febre e angústia que tocou aquelas pedras, na pele que ficou ardida na terra daqueles caminhos—e logo se turva de visões amargas e quasi tão terror do bem que esteve a disfrutar.

É isto—por toda a parte dos degradados. Ongo-os logo de madrugada, de picaretas e machos concertando a calçada da minha rua; vejo-os atravessar a baía, a caminho dos estaleiros da ilha; encontro-os, sob o sol ardente do meio-dia, a caminho do trabalho, os rostos retalhados de suor e febre, e as pernas e braços, em filar longas com seus fatos largos e numerados, à frente dos brancos e atrás dos negros, marchando num grande silêncio, guardados pelos mili-

O que são os horroresos presidios coloniais

Quis vêr as fortalezas, corré-las uma a uma, a esses cárceres onde apodrecem os degradados. E fui. Facilitei-me a entrada. E tantas coisas tristes encontrei que supunho nada me ocultaram.

E culpar para quê?

Os homens que governam nestas casas e que interpretam o regime prisional são meros funcionários, não têm culpa que subsistam, ainda, estas infamíssimas bastilhas. No fundo, creio bem, eles até estimariam dirigir uma coisa que, no género, fosse mais moderna e tivesse inteligente utilidade.

Comecemos por São Miguel, a prisão chefe, o grande depósito de degradados de Angola. Fica num alto morro sobre o mar, na ponta Sul da cidade de Loanda; e foi nos velhos tempos baluarte militar, possuindo

ainda em 1827 13 baterias e depósito bem fornecido com alguns milhares de balas de artilharia, lanternas e granadas.

Hoje, sob o ponto de vista militar, a fortaleza é absolutamente inútil. A única artilharia que ali trôa é nos dias chamados solenes, quando chega ou parte um alto comissário, quando vem paquete de Portugal, e todos os dias, à uma hora da tarde, um tiro de peça para as pessoas metódicas acertarem os relógios.

A notícia mais remota que conhecemos dá-nos este morro, mesmo antes de ser fortaleza, como tendo sido o local onde Paulo de Moraes, com alguns padres que o acompanhavam, construiu a primeira igreja da cidade de Loanda, em 1575, quando desembarcou nestas terras pela segunda vez, e efectuou a conquista do reino de Angola. Chamou-se esta igreja de São Sebastião, em honra do rei que então governava Portugal, e aqui se fundou a primeira paróquia, cuja padroeira foi a Senhora da Guia, tendo existido ruínas e vestígios da igreja até aos fins do século XVIII.

A fortaleza edificou-se algum tempo depois da conquista, e entre os feitos que mais avultam na sua história conta-se o célebre assalto que ali deu o restaurador Salvador Correia de Sá Benevides, em Agosto de 1683, para dali expulsar e correr a tiro os intrusos holandeses.

Muito mais tarde, como sempre sucede às fortalezas que não desabam em ruínas, foram aquelas masmorras e aboboadas sombrias transformadas em presidio, ou Depósito dos Deportados de Angola—o que dá lugar às iniciais macabras D. D. A., que, juntamente ao número, e como ferrête de ignominia, os condenados usam coladas à sua bata larga de ganga ou cotim.

Também tem a sua história o presidio. Deslaram pelos seus lagados figuras—sombrias levando dentro de si um mundo de dor; esfinges de sofrimento que não podiam ter sido criminosos.

Vejo melhor o registo e vou tocando com as minhas mãos este inventário de misérias. Nomes muito conhecidos: Aqui passaram e por cá morreram, o José do Telhado e João Brandão. Vieira de Castro, o grande amigo de Camilo, aqui expiou o seu crime passionai. Urubino de Freitas contou neste lugar os seus últimos dias de prisão, e ainda há quem por aqui não creia que ele pudesse ter sido um envenenador. De criminosos políticos—como eles dizem—também há vestígios, e leio os nomes de João Chagas, Verdal e capitão Leitão, os da revolta de 31 de Janeiro.

De casos recentes também há muita coisa a ver... mas passemos adiante. No actual momento há mais de 2.000 degradados desta

depósito espalhados por diversas terras de Angola. Alguns trabalham; outros morrem pelo sério...

Por dentro, este forte de São Miguel é como quasi todas as casas deste género, podendo servir para muitas coisas, menos para prisão. Casas aboboadas, com pouca luz e sem o ar indispensável à vida; promiscuidade horrível e disciplina de ferro; não se pode chorar nem cantar alto. O melhor tempo que os presos passam é no trabalho, embora lhes não aproveitem, devidamente, as profissões. Há casernas e dormitórios onde se sufoca com náuseas e calor.

O melhor — se aqui pode haver coisa boa — são as oficinas e a caserna das mulheres onde, a menos, há asseio e luz. Nesta casa das mulheres há crianças, pequeninas crianças certamente filhas que acompanharam as mães ao degredo. Estremecido de terror, e passo, rapidamente, desviando os olhos destas crianças...

Nas horas vagas há muitos condenados que trabalham, e há alguns têm amanhado uma pequena fortuna...

A fortuna dos degredados!... Interessante de observar alguns trabalhos dos negros, muito atentos a fazerem esteiras, de capim, quitandas às riscas pintadas, manipulações de madeira e copos de coco pintados. Os presos brancos também trabalham muito em marfim, fazendo grandes colares de contas, canetas e facas de papel, pulseiras, anéis, cruzes, amuletos e mil coisas delicadas.

A's vezes algum, para se distrair do trabalho, ergue um pouco mais a voz numa cantiga dolente e arrastada, mas logo surge a rude sentinela a intimar silêncio.

Quando foi da última leva, contaram-me que vinha lá, um rapazito ainda imberbe, tipo de estudante ou de empregado de escritório, que trazia entre as roupas da mala alguns livros e uma guitarra. Certa vez pôs-se a dedilhar, baixinho, na sua banha, a cantarolava canções. Tiram-lhe a guitarra, cortaram-lhe a cabeleira anelada e loura, e mandaram-no acarretar pedra para a ponte. Não vale a pena entrar em detalhes; isto é, fôrmidamente mau e não representa a menor defesa para a sociedade — antes é um viveiro de crime, pela falta de selecção com que vivem os condenados.

Quasi lá, saída, um preso mandou entregar-me, cuidadosamente, por um negro, um papelinho enrolado. Soube que era dos jornais e, mesmo a lápis, escreveu as suas razões, queixas tremedadas, em que se fala de mau trato a condenados, de chibatadas aplicadas furiosamente em mais dum condenado, ao menor delicto, coisas espantosas de que me não posso fazer eco sem averiguar.

Será verdade? O que eu sei é que o comandante do depósito, o coronel Beirão, a pesar de manter disciplina de ferro, é homem de grande carácter, honrado e hospitaleiro; e com certeza ignora essas barbaridades que eu penso averiguar.

São do forte impressionadíssimo, e não me saem do pensamento aquelas crianças que vi lá em cima, na caserna das mulheres. Que vai ser daquelas vidas?...

Os cárceres são verdadeiras sepulturas

Vamos até ao fim desta via sacra — as outras prisões. Entreemos agora na fortaleza de São Francisco de Penedo, outro velho fortim militar, sentinela do porto, a vez do mar, e que actualmente serve de Casa de Reclusão para militares, e ao mesmo tempo é uma espécie de «Limoeiro» onde civis, pretos e brancos, cumprem pequenas penas por delictos julgados em Loanda, ou aguardam barco que os transportará para a outra costa, no caso de pena maior.

A entrada é bonita, arborizada, com um pequeno parque de inofensivo aparato bélico, enfeitado de velhas peças de artilharia; tem uma bela porta brasonada e vestíbulo de abobada com seis arcarias, suspensas de do teto um daqueles velhos lampões de petróleo que lembra as casernas de 1820. Tem alguns quartos regulares destinados a sargentos e oficiais, mas as prisões fechadas em abobada, sem ar e sem luz, são detestáveis, e representam um autêntico crime.

Há uns cárceres interiores, também de abobada, só com uma pequena fresta ao alto, que só servem excepcionalmente, mas que deviam ser demolidos.

Nada disto serve para presos de pequenos ou grandes delictos. Imagine o leitor o que será passar alguns meses dentro destas paredes, com este calor africano.

O director da fortaleza, que trata o melhor possível os presos, esforça-se por trazer aquilo muito caído, com flores mimosas num pequenino jardim, tudo muito arranjadinho, quer dizer: os presos, ao menos, aqui preparam a loucura, a bilhosa, a tuberculose... mais tranquilamente...

Para o fim deixei-lhe, leitor, as impressões nervosas, rápidas, da minha visita que um dia hei de contar mais detalhadamente. Sabe o que é São Pedro da Barra? — Uma tumba infame, feita de pedra e cal, onde, às vezes por insignificantes delictos, homens vão apodrecendo, dia a dia.

Puzeram-nos muito ao largo, longe da vista e dos ouvidos da cidade, sobre as áridas e vermelhas escarpas que dominam o mar africano, certamente para que não fossem escutados os gemidos e presenciado o suplicio dos que ali são enterrados vivos.

Vamos: por uma linda tarde de sol, pela estrada que sai de Loanda, entre altíssimos morros vermelhos e o mar. Vão comigo os meus amigos Virgílio Cidrais e Valério Olmo, artistas desenhadores que vencerão com seus lápis vigorosos a melhor lembrança desta romaria macabra; vão também: o capitão Bacelar, que gentilmente se quis encarregar do volante, e o meu patricio tenente Cabrita que aqui exerce o simpático cargo de defensor officioso dos presos militares. O melhor elogio a fazer destes dois oficiais e da sua inteligência é o dizer que eles próprios me declaram a sua discordância absoluta por tal regime prisional sem a menor utilidade.

Depois dos subúrbios de Loanda, seguindo pela estrada poeirenta, deixando atrás o bairro do Caminho de Ferro, os acampamentos do Petróleo e Companhia de Fósforos, andados alguns quilómetros de estrada, já na região do Cajuco, paisagem árida estalada de sol, com ibondeiros e cactos-kandelabros, surge a mancha esbranquiçada da fortaleza de São Pedro da Barra. Foi mandada fazer em 1703 por D. Pedro II e lançaram as suas fundações o Senado Municipal e o capitão general do Reino de Angola. Com os outros fortes, completava a defesa do porto; hoje é sede da Companhia Disciplinar de Angola, onde 180 homens, todos moços, pagam com alguns anos pequenas faltas cometidas no Exército.

Nas casernas, já em cima, sem quaisquer condições higiénicas, os homens asfixiam de calor, amolecem de palustismo, apodrecem de estagnamento. Lá em baixo, nos cárceres subterrâneos cavados nas mura-

lhas, morre-se de isolamento ou caminha-se para a loucura.

Uma escada húmida, escura, sombria, que se precipita num túnel interior, conduz-nos lá baixo aos cárceres dum pátio fundo, onde mal poisa o sol, e o som do mar é triste. Tristeza e horror! Estão aqui, nas tarimbadas duras destes cárceres, os militares que lá cima cometeram qualquer falta; estão, também, os outros; os civis que não se portaram bem em São Miguel, e ainda alguns que, eternamente, aguardam barco para ir acabar de sofrer na outra Costa da África. Não é bastante o andar ao sol calcetando as ruas, acarretando e rolando pedregulhos, curtir febres no mato — ainda é preciso vir apodrecer aqui!

Visito esses cárceres imundos, estreitos, onde, depois de corrida a porta, se mergulha em trevas — ouço lamentos de gente estirada, a tremer de febre, que nem já sabe encerrar a luz; os olhos são fundos; os rostos amarelos e bagos, a barba rala, e exalam um cheiro horrível que nos faz cambalear. Deitado no chão lembra-me dum homem ruivo, pouco mais de vinte anos, que chorava e dava gritos, tendo um cobertor esfarrapado a cobrir-lhe o corpo nu; dois presos trabalhavam a um canto, onde há um reflexo de luz, em coisas de marfim; um outro, que tem o nome de Satrio Rafael Rodrigues, entregou-me, timidamente, um memorial e pede protecção, dizendo-me que desertou da tropa e foi condenado em 6 anos, tendo exemplar comportamento, o que um oficial confirma.

Nas paredes das prisões há curiosos desenhos a lápis de cores e carvão, alegorias com corações, ramos de flores, bandeiras e grandes navios. Também há datas e legendas rudes, mas que não mais se esquecem. Por exemplo: «Passet aqui 3 dias a jejum, por causa dum simples passeio na noite de São João».

Outra: «Oh! minha mãe! minha mãe da minha alma! quando saírei eu daqui!».

A um canto, um retrato pintado a lápis, com estes dizeres por baixo: «Feito aos 15 de Abril de 1922, nas vésperas do Alberto morrer com 21 anos».

Não posso ler mais; sinto-me espantadamente triste. Não bastava a África longínqua e ardente, com o paludismo e as bilhiosas! Ainda eram precisas estas masmorras!

E para quê? Para quê, afinal?...

— «Mas ainda há muito pior para ver...» — diz alguém aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avanço sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respiração do que a das frinchas dum porta estreita que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente enfiado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E' o perfeito enterramento do homem vivo.

Arripio-me e pergunto a mim próprio se sonho, ou se leio páginas dum qualquer romance tético. A esta coisa infame, devido à sua configuração geométrica, chamam «ferros de engomar».

Fico lá dentro um momento e peço que corram a porta, para experimentar a impressão. Sinto que endoidaria se aqui estivesse muitas horas.

Explicam-me que é a prisão destinada aos piores criminosos, e contam-me que já ali têm estado seis homens e mais!!!

O comandante, adivinhando o meu estado de espírito, vai-me dizendo, penalizado: — «E' do Regulamento! E' do Regulamento!...»

— «Mas é pura inquisição!» — E' do Regulamento! E' do Regulamento!...

Emudeço, atarrado, pensando nos crimes que, noutros tempos, se teriam cometido aqui, à sombra destes regulamentos.

Seputados vivos, e a dias de jejum!!! O que os homens inventam!

Que aos meus pobres filhos, aos meus amigos, nunca um mau destino traga a estes lugares malditos! Antes a morte!

Pelas paredes vejo sinais de cárceres entapados. Será possível que tivesse havido pior?...

Como pode tudo isto subsistir, e como podem os senhores da Democracia acusar os inquisidores?

Faz-se um grande silêncio durante o qual os meus amigos desenhadores vão marcando os seus apontamentos. Secou-se-me a língua, parece que não tenho palavras...

E o comandante vai repetindo-me, com tristeza: — «E' do Regulamento! E' do Regulamento! E' o que não gosto nada de estar aqui...»

Mas o mais triste é que esta situação só pertence aos degredados pobres. Os ricos, embora venham degredados, devido aos mesmos crimes, tratam em paz da sua vida, arranjam fortuna, gosam de protecção!...

Eu não quero que persigam os outros, porque são mais ricos ou mais felizes. Mas, então, para os mais pobres e desgraçados não há comiserção?!

Que palavras devo escrever? De revolta ou de piedade?...

Loanda, 1926. **Juliano QUINTINHA**

Os bombeiros voluntários e o desmoroamento da Penha de França

Salientamos aqui a deplorável inação a que os bombeiros municipais foram condenados pelo seu comandante, naquele desmoroamento havido na Penha de França. Não se cuidou de desenterrar as vítimas, deixaram-nos como referimos sepultadas no desmoroamento com a alegação de que se podia dar um desastre maior.

Os bombeiros voluntários, a que não nos referimos nas notícias a que publicámos, só às 20 horas do dia em que se deu o desmoroamento — e que foram avisados pelos municipais. Compareceram com a sua louvável e proverbial rapidez, mas quando chegaram ao local não encontraram lá um só bombeiro municipal para amostra. Nem sequer um polícia, a pesar de haver a ameaça dum novo desmoroamento que podia fazer privar a vida de pessoas desprevidas.

Em face disso não tiveram outro remédio senão recolher aos quarteis, onde provavelmente discutiram este caso bastante estranho e deplorável da falta de providência e da falta de humanidade.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Verre» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência às 10 horas.

Também por via Algeciras e Gibraltar se expedem malas do correio para a ilha de Timor, efectuando-se a última tiragem às 17.40.

Ecos dos acontecimentos

Um boato que se não confirma

A cidade foi ontem alarmada por boatos que correram: com insistência sobre a atitude hostil que tomariam as tropas que ainda estão acampadas em Sacavém, em relação ao actual governo. Dizia-se que elas tinham enviado um ultimatum e que no caso dele não ser aceite invadiriam Lisboa e iriam ao Terreiro do Paço impor a sua vontade. Os reacccionários e os monárquicos tiveram um alívio supondo este boato verdadeiro. Alguns jornais da tarde forjaram sobre este reportagem a sensação. Afinal tudo se resumiu no desejo que os oficiais de Sacavém tinham de o actual governo se constituir completamente. E tudo acabou em bem.

A pasta do comércio foi preenchida pelo sr. Artur Gaudêncio de Passos e Sousa e o sr. Oliveira Salazar aceitou a das finanças, ficando assim arredada a hipótese Sinel de Cordes, tão do agrado dos monárquicos.

Pedindo um administrador

Conferenciou com o general Gomes da Costa uma comissão de funcionários telegráfo-postais, que lhe foi pedir para ser nomeado administrador geral daqueles serviços uma entidade de reconhecida competência, mas que seja alheia à política. O sr. general respondeu que tratasse do assunto em questão com o sr. Mendes Cabeçadas, ministro interino do Comércio.

Os primeiros benefícios

Informam da Arcada: «Vai ser publicado um decreto abrindo um crédito a favor dos ministérios da guerra e da marinha, para pagamento das despesas com a deslocação de forças».

Valerá a pena comentar?

Foi nomeado para fazer parte do conselho superior de disciplina do exército o ex-comandante geral da Guarda Republicana, general sr. Vieira da Rocha.

O governo das colónias

Nada está assente sobre a nomeação de governadores para as nossas colónias, a não ser para a de Cabo Verde, que nos consta já está escolhido o oficial que há-de ir governá-la.

Em Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 10. — Após o movimento militar, que manteve por alguns dias esta vila num estado bélico, tudo voltou à normalidade.

Já não fervilham aqueles boatos de toda a espécie que punham tudo isto numa verdadeira confusão.

Já não se vêem alguns oficiais ao sóco, por discordância de tendências.

Já não se vê também um certo reacccionário cá do burgo, acusador de alguns revoltosos de 2 de Fevereiro conduzindo oficiais no seu automóvel, por lhe parecer que se tratava de uma restauração monárquica, ou, quando menos, de uma Riverada.

Já não se vê esse mesmo reacccionário, em companhia de alguns cúmplices que bebem água da quinta do Rebelo, cortando as linhas telegráficas nas proximidades desta vila.

Emfim, parece estar tudo sossegado, pelo menos... na aparência.

Há por aqui quem afirme que ainda estamos apenas no fim do primeiro acto.

Indiferentes a toda a política, mas atentos nas poucas regalias que disfrutamos, aguardamos os acontecimentos, para nos pronunciarmos na devida altura, se tanto for preciso.

Ocorrências diversas

No Banco do hospital de São José, receberam curativo e recolheram a casa: José Montes Pereira da Costa, de 53 anos, natural de Braga, barbeiro, morador na rua Gomes Freire, 113, que, ao apertar-se de um electrico, na mesma rua, caiu, ficando muito ferido no rosto, joelhos e contuso no ombro direito.

José Gonçalves, de 25 anos, natural de Lisboa, fogueiro da C. P., residente na rua de Campolide, 325, l.º, que, dentro do túnel da Avenida, foi colhido pela portinhola da carruagem em que seguia viagem, ficando ferido no braço e mão direita.

João José de Araújo, de 21 anos, natural de Lisboa, servente, residente na rua do Sol à Graça, 6.º, que, foi agredido na rua Damasceno Monteiro, ficando ferido na cabeça.

Joaquim José dos Santos, de 27 anos, sapateiro, rua Nova da Piedade, 79, pateo, que, numa desordem na rua de São Bento, foi agredido ficando muito contuso pelo corpo e ferido no rosto.

Inicia-se hoje, em Braga, o Congresso dos Alunos das Escolas Técnicas de Portugal

Iniciam hoje os alunos das Escolas Industriais, Comerciais, Preparatórias, de Arte Aplicada, de Artes e Ofícios e Institutos Industriais e Comerciais do país o seu 4.º Congresso na Escola Industrial e Comercial de Bartolomeu dos Mártires, em Braga.

Entre os vários trabalhos e relatórios da Federação Académica Industrial e Comercial Portuguesa e Junta Federativa do Norte há várias teses tais como:

«Relações entre a Federação e a Zona Federativa do Norte e destas com as Escolas e Associações escolares». «Deficiência de Material Didactico com o alargamento do Curso Commercial». «A sequência das Escolas Industriais com um ano completo de especialização», etc., etc.

O programa de hoje: às 14 horas recepção na Câmara Municipal, às 16 horas visita à Escola Industrial e Comercial de Bartolomeu dos Mártires, passeio ao Bom Jesus e Sameiro; às 20.30 horas sessão preparatória e às 21.30 sessão inaugural. Os congressistas visitarão em excursão de estudo, depois do Congresso, Guimarães, Viadua do Castelo, Valencia, Tuy e Vigo acompanhados por vários professores. Ontem partiram de Lisboa os congressistas do Sul, que eram acompanhados pelos professores sr. dr. Adolfo Castanheira, Clemente Bueno y Martins, Carlos Pinto Ferreira e José Custódio Antunes Coimbra, tendo tido na estação uma despedida muito afectuosa, não só por pessoas de suas famílias como por professores e alunos das Escolas de Lisboa.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada *Primigian*, de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de *A Batalha*

Festas Populares

Feira de Santo António

Abre hoje à noite e prossegue amanhã e depois esta feira instalada no Terreiro da Bragança, rua António Maria Cardoso. Durante as três noites e na tarde de domingo haverá várias diversões, tais como teatro ao ar livre, jogos recreativos, concerto musical e baile.

Vendem-se no recinto os doces regionais, as frutas da época, as louças de barro, mangleiros, cravos com inspirados versos, gaiolas com grilos, etc., revertendo o produto desta extraordinária festa para o cofre de beneficência da Caixa de Solidariedade do Pessoal dos Armazéns Grandela, para a qual muitos comerciantes e industriais do país têm oferecido valiosas prendas para recheio da barraca da quermesse.

O início de tão simpática festa será anunciado hoje por um típico bando que percorrerá as ruas da cidade distribuindo réclames.

Os bilhetes de entrada custam apenas 1500 e vendem-se nas bilheteiras do Terreiro da Bragança.

A Caixa Escolar da Escola Commercial de «Veiga Beirão» resolvendo, a pedido dos alunos e suas famílias, festejar a noite de hoje, pediu autorização à direcção da escola, para realizar à noite o arraial, queima de alcaçofras, cânticos e danças populares, venda de mangleiros e cravos nos terraços do edificio, e no salão sessões de animatógrafo, variedades e uma opereta, original dos professores Cândido de Carvalho e A. E. Costa Ferreira, seguida de baile por convites, dedicado ao corpo docente e suas famílias.

Amanhã de tarde e à noite realizar-se-ão os últimos festejos.

No Hospício de São Bernardino, ao Campo dos Mártires da Pátria, moradia de vários pessoal dos Hospitais Civis, organizou-se uma comissão para festejar as vésperas e dias dos santos populares. O terraço que ali existe encontra-se gostosamente ornamentado e naquelas noites será profusamente iluminado a electricidade, tocando durante elas um sexteto.

O Grupo de Bandolinistas «Boa União» realiza hoje festas populares, havendo queima de alcaçofras, marcha luminosa, jogo das linhas e descantes populares. As dependências deste grupo acham-se iluminadas à veneziana, havendo barracas onde são servidos doces e vendidos cravos e mangleiros por senhoras que coadjuvam a comissão de melhoramentos organizadora destas festas.

As praxes de assinatura de diplomas legais

Tendo-se reconhecido não haver necessidade de, nos termos da Constituição, os diplomas de funções públicas serem assinados pelo sr. presidente da República, como tem sido praxe até agora seguida, foi assinado um decreto determinando que tais diplomas sejam assinados pelo ministro, por cuja secretaria foi feito o despacho de nomeação ou colocação do funcionário a que respecta. O ministro poderá ainda delegar a assinatura no secretário geral ou quem suas vezes fizer. Sendo o despacho feito por qualquer outra entidade, o diploma será por esta assinado.

Renovação

Revista Gráfica

A 1x 15 de cada mês

Preço rec. 1,50

SOCIEDADES DE RECREIO

Clube Recreativo «Os Choras» — Realiza-se hoje um baile que se iniciará às 21 horas e terminará de madrugada.

Sociedade Recreio Operário «A Portugal» — Hoje, baile até de madrugada, com vários atractivos.

TEATRO NACIONAL

HOJE

A COMÉDIA EM 3 ACTOS — DE —

3049 CARLOS VENEZIANI

PROTAGONISTA

Antepassado

LUIZ PINTO

Encenação de

António Pinheiro

Magnífica interpretação

TEATRO AVENIDA

— HOJE —

o «vaudeville»

O dr. da

Mula Ruça

Explândido espectáculo

No papel de Fanny

LUIZA SANELA

No de Scrimin Laitre

ESTEVAM AMARANTE

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Opera do maestro José Cordeiro

O maestro José Cordeiro não foi feliz nas suas obras «O alfigame de Santarém» e «A Rosa do Adro». Percebe-se a sua intenção de produzir duas óperas que marcassem pelo vigor, que se impusessem pela inspiração. Porém, de tal forma se embrenhou em miríficas contexturas musicais, de tal maneira quis invulgarizar-se que, não atingindo o fim que se propôs, só pôde realizar uma nebulosidade musical, que não corresponde aos assuntos que desejou tratar. Mas não terá o maestro José Cordeiro apitidos? Tem e não poucas, e por isso mesmo não lhe desculpamos a desconexão que revela na elaboração das suas óperas.

E' preciso que tal se lhe diga, e nós fazemo-lo sinceramente até pela muita consideração que ele nos merece e por vermos que a sua pena de músico está bem apta a dar-nos bem melhor produção.

O desempenho, confiado a Ema Cordeiro, Raquel Bastos, Alfredo Henriques e Sales Ribeiro, bastante uniforme.

Nogueira de BRITO

Durante a permanência da companhia Ba-Ta-Clan de Paris no Trindade a companhia Lucília Simões-Erico Braga passa para o teatro São Luís, onde se estreia na quinta-feira 17, representando uma comédia e a revista num prólogo, um acto e três quadros, original de Erico Braga, música original e coordenada de Alves Coelho, intitulada «Papo-Seco», com a colaboração da bailarina Alexiane, do Casino de Paris.

Reclames

O espectáculo de hoje, no teatro do Gimnásio, vai decorrer entre o maior entusiasmo, honrando-o com a sua presença o general Gomes da Costa, a quem a empresa do elegante teatro convidou pessoalmente.

O espectáculo consta da graciosíssima comédia o «Célebre Pin», que está em pleno e brilhantíssimo êxito, da qual a representação decorre sempre entre as mais vibrantes gargalhadas.

— Para hoje, véspera do dia consagrado ao popular santo, o espectáculo de mais palpitante actualidade é o que se realiza no Apolo. Ali, na oratória de Braz Martins, o «Santo António», são apresentados os vários milagres que celebrizaram o mais querido dos santos populares, e as várias perseguições de que foi vítima durante a vida, cheia de bondade e sacrificio. A peça o «Santo António» está apresentada com todo o aparato que requer, sendo de belo efeito as transformações nela apresentadas, e que constituem os milagres do santo. O conjunto de desempenho é esplêndido, havendo a salientar Rafael Marques, na parte de protagonista, Irene Gomes no «Anjo bom» e Lino Ribeiro, no «Anjo mau», Abílio Alves no «guerreiro Ezeli», Calazans no «Frei Inácio», que pretende ser Papa, e mais Elvira Velez, Ofélia Brochado, Beatriz Belmar, Artur Sá, Octávio Bramão e restantes, todos concorrendo para o brilhantismo da interpretação. Para o espectáculo de hoje, no Apolo, com o «Santo António», os bilhetes são vendidos por preços populares, não havendo locação.

Repete-se hoje a interessantíssima comédia «O Antepassado» que ontem no Nacional obteve um grandioso sucesso pelo seu entrecabo inédito e pelo trabalho de Luis Pinto que no protagonista tem um magnifico trabalho.

DENTES ARTIFICIAIS a 2500. Extracções sem dor a 1500. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 2000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Novos decretos

Deve ser hoje publicado na folha oficial o decreto, a que já nos referimos, regulando as primeiras nomeações para delegados do ministério público, contadores, conservadores do registro predial, notários e escrivães de direito.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1500; pelo correio, 1520; registado, 1550. Pedidos à administração de *A Batalha*.

Teatro Apolo

TELEF. N. 4129

HOJE

A linda peça de BRÁS MARTINS, ornamentada de música de ANGELO FRONZONI

O SANTO ANTONIO

Guarda-roupa de CASTELO BRANCO

O mais alegre, gracioso e oportuno espectáculo

PREÇOS POPULARES

TIVOLI

Penúltima exibição

DO

MARCO POSTAL
Beijós. — José Abrantes. — Recebemos vale do correio de 25\$00. Foi enganado no recibo que foi a cobrança. Dessa importância 19\$00 pagou a sua assinatura de Abril e Maio e os restantes 6\$00 pagou a «Renovação» de José Borges Loureiro, igualmente de Abril e Maio, p. p. Está bem o que diz na sua carta.
Parade. — Sind. Construção Civil. — Recebemos 38\$500, produto dum benefício pro-presos.
Amarelja. — Francisco Grosso dos Reis. — Recebemos vale do correio. A sua assinatura da «Renovação» paga até 30 de Junho, corrente, e a do Diário e Suplemento até 31 de Março, p. p.
Terrugem. — José Antônio Saraiva. — Recebemos 19\$00. Pagou a assinatura até 20 do corrente.
Mértola. — Manuel dos Santos. — Recebemos 19\$00. Pagou a assinatura até 31 de Maio, p. p.

AGENDA
CALENDÁRIO DE JUNHO

D.	0	3	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,11
T.	1	8	15	22	Desaparece às 20,1
Q.	2	9	16	23	30
Q.	3	10	17	24	1. C. dia 27, às 11,40
S.	4	11	18	25	C.M. 5. 3,25
S.	5	12	19	26	1.30. 9. 22,35
					Q.C. 10. 17,48

MARES DE HOJE
Praiamar às 4,02 e às 4,22
Baixamar às 9,32 e às 9,52

CAMBÍOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	—	—
Madrid, cheque	—	2598
Paris, cheque	—	358
Suica, cheque	—	3578,5
Bruxelas, cheque	—	359
New-York, cheque	—	19555
Amsterdão, cheque	—	7586
Itália, cheque	—	371,5
Brasil, cheque	—	3405
Praga, cheque	—	558
Suécia, cheque	—	5824
Austria, cheque	—	2577
Berlim, cheque	—	4607

ESPECTÁCULOS
TEATROS
Hicetral. — As 21. — O Antepassado.
Cinemas. — As 21.45. — O celebre Pina.
Fígolo. — As 21.45. — O Santo António.
Trindade. — As 21.45. — O homem das 3 horas.
Ficetral. — As 20.45 e 22.45. — O Fox-Trot.
Ficetral. — As 21.45. — O Dr. da Mula Ruça.
Hicetral. — As 20.45 e 22.45. — Post-Bail.
Ficetral. — As 21.45. — Variedades.
Cinemas. — O Vilão da Graça. — Espectáculos às 3.45.
1.º, sábados e domingos com «matineus».
Teatro Parque. — Todas as noites. Concertos e divertimentos.
CINEMAS
Tivoli. — Olympia. — Central. — Condes. — Chiado Terceiro. — Ideal. — Arco Bandeira. — Promotora. — Esperança.
Tercete. — Cine Paris.

Horário de trabalho
As disposições legais
A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 63.
Aos assinantes que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 p cento em cada pedido a administração de A BATALHA.

CONSELHO TECNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL
Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.
Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A. 2.º

cava para sempre à causa de que seu pai tinha sido um dos mártires e uma das mais firmes colunas.
Henrique de Bearn, menos feliz do que o primo, não podendo iludir a vigilância de Catarina de Médicis, viu-se cada vez mais oprimido.
Afinal, em 1574, uma fracção de políticos e huguenotes teve o deplorável pensamento de pôr à sua frente o duque d'Alençon, irmão de Carlos IX e do duque d'Anjou. Esta resolução não produziu resultado nenhum.
O tenebroso assassino, o autor da traição nocturna de 24 de Agosto, estragado pela devassidão a que tão cedo se entregara, extinguiu-se lentamente, devorado por uma febre ardente. Tinha sonhos horrores, visões sinistras.
Sujeito, desde que adoecera, a frequentes hemorragias, Carlos IX agonizava, nadando em ondas do seu próprio sangue, e dizia aterrado e lívido, à mulher que o tratava e o tinha amamentado:
— Ah! ama! que sangue!... E' o da noite de São Bartolomeu... Oh!... tantos cadáveres!... tantas vítimas que se debatem nas mãos dos carrascos!... Bem as vejo!... Oh! que mais conselheiros que eu tive!... Meu Deus! meu Deus! perdoo-me e tem compaixão de mim!... Infame religião católica!
Dizei, filhos de Joel, se a punição do crime não é uma terrível fatalidade!... Carlos IX morria nadando em sangue!
Aquele monstro, glorificado pela Igreja de Roma, expirou a 30 de Maio de 1574, não tendo ainda vinte e quatro anos.
Apenas ele morreu, logo a mãe enviou um correio ao duque d'Anjou, eleito rei da Polónia, onde então reinava.
Este indivíduo de costumes depravados, e os seus queridos, achavam-se constrangidos no meio desta nobreza polaca, rude, austera e guerreira.
A 14 de Junho, ao receber a carta em que a mãe lhe anunciava a morte do irmão, o duque d'Anjou tratou de fugir de Cracóvia, para vir reinar no Louvre.

E' bom beber mas... Sabendo o que se bebe Sabendo quanto se bebe
Procurai com confiança qualquer FILIAL da
Empresa Val do Rio J.º
(RECONSTITUIDA)
VINHOS, AZEITES, VINAGRES OS MELHORES
PEDIDOS E RECLAMAÇÕES:
RUA DOS FANQUEIROS, 150, 1.º
Telefone 207 C.

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS
A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O
Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro
Telefones Norte 5521 e 5528
Escritório e Garagem: Rua Almirante Barroso, 21

FATOS completos e sobretudos
em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde 129\$00
Calças desde 35\$00
Grande sortido de fatos e sobretudos, feitos e por medida
batimentos para revenda
170, Rua da Boa Vista, 172

BOTAS CALÇADO A PREÇO DE REVENDA
E
SECÇÃO DE CHAPELARIA
Tudo barato
Sapatos para senhora desde 45\$00
Botas para homem em vitela preta desde 50\$00
Botas para homem forma da moda cor ou preta a 75\$00
Sapatos verniz senhora a 60\$00
Sapatos crepe celia última moda \$
Botas crepe celia última moda \$
Grande quantidade e variedade de calçado de crianças.
Grande stock de sandálias.
Dá-se um brinde, a quem comprar nesta casa e apresente este anúncio.
Ver os preços de sensação nas nossas montras.
SAPATARIA BRASIL
206, Rua da Madalena, 212

"Educação Social"
Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal
Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retreiros, 125 — LISBOA.
A' venda na administração de «A Batalha».

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — As 8 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Viar — 4 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Pele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 9 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.
Doenças das mulheres — Dr. Emilio Peixe — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.
Tratamento de diabéticos — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.
Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Raio X — Dr. Aleu Salomina — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriela Besto — 4 horas.

Policlínica do Rato
PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º
TELEF. N. 1200
Dr. Júlio Gonçalves — Boca e dentes, às 10 horas.
Dr. António Monteiro — Clínica geral, senhoras e crianças, às 11 horas.
Dr. Lourenço Raimundo — Rins e vias urinárias, às 13 h 12.
Dr. António Fernandes — Medicina geral e doenças nervosas, às 15 h 12.
Dr. João Saraiva — Doenças dos olhos, às 15 h 12.
Dr. João de Moraes Sarmento — Ginecologia e operações, às 16 h.
Dr. Raiva Saavedra — Pele, sífilis e pulmões, às 17 h.
Dr. Tavares do Couto — Garganta, nariz e ouvidos, às 15 h 12.
Análises clínicas, electroterapia, massagem e ginástica médica

Lei o Suplemento de A BATALHA

OS AUTOMOVEIS CITROËN

Que pela sua linha elegante, robustez e economia, se vêem hoje em todo o país, atravessando sem temor as suas piores estradas, são agora apresentados ao público em Lisboa no

SEU NOVO SALÃO DE EXPOSIÇÕES:

AVENIDA DA LIBERDADE, N.ºs 44 a 48

Preços dos vários modelos 10 cavalos (68x100)

Torpedo comercial, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 17.500\$00
Torpedo Standard, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 17.500\$00
Torpedo série de luxo, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 19.000\$00
Torpedo especial de luxo, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 19.800\$00
Cabriolet, 3 lugares	Esc. 23.000\$00
Conduite intérieure, 4 lugares	Esc. 25.000\$00
Landulet, grande luxo, 6 lugares	Esc. 26.500\$00
Landulet, taxímetro, completo, 6 lugares	Esc. 26.000\$00

Todas as "carrosseries" de aço, assentos desmontáveis, "mise-en-marche" eléctrica, e cinco rodas calçadas, com pneus Michelin.

PEDIR CATALOGOS E MAIS DETALHES A:

EDUARDO ROSA, LIMITADA LISBOA

Edições de "A Sementeira"
Práticas neo-maltusianas... \$50
O sentido em que somos anarquistas... \$30
A peste religiosa... \$40
A Liberdade... \$50
A Internacional (música e letra)... \$30
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

PEDRAS "METAL AUER"
PARA ISQUEIROS
VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 25\$00
Pedra grande, dúzia, \$80

DE OS MISTÉRIOS DO POVO
Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.
Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.
A obra mais barata que no género se publica

MELINA É O MELHOR MATA FORMIGAS
A' venda em toda a parte
DEPÓSITO GERAL:
Fernandes Almeida & C.ª, Limit.
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º — Lisboa
Telefone C. 2422
Agentes no Funchal
ELMANO S. GOMES
R. do Coronel Cunha, n.º 53

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»
Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.
Cada fascículo de 48 páginas, 1800; pelo correio, registado, 1850.
Estão publicados os seguintes fascículos:
1.º — La era de la esclavitud;
2.º — La rebelión de Esparta;
3.º — Abolición de la esclavitud;
4.º — Abolición y Servidumbre;
5.º — La revolución de los siervos;
6.º — La miseria de los agricultores;
7.º — Transformación del Poder Feudal;
8.º — El comunismo cristiano;
9.º — Los miserables en la Edad Média.

LIMAS NACIONAIS
UNIAO
MARCAS REGISTRADAS
UNIAO TOME FOTOGRAFIA, Lda., rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas da Mundial Experimentada, pois, as nossas à 1\$11 qta 1\$ encontram à venda em todos os pontos de distribuição de ferrageme para...

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Um livro interessante
Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, «**IDEARIO**», que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:
Doctrina — Crítica Social — Educação Libertaria — Tática — Evolução y Revolución — Violência — Libertad y Autoridad — Ensayo y Filosofía — Terrorismo — Itinerario Iconoclastas — Moral Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Hombres Representativos — Trabajos Polémicos — Lecturas — Fragmento Inédito.
Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50
Pedidos à administração de «A BATALHA»

Companhia Nacional de Navegação
Vapor IBO

Para Peniche, Porto (Douro) e Leixões. Sairá no dia 15 do corrente, o vapor «IBO», recebendo carga e passageiros. Trata-se na sede da Companhia, rua do Comércio, 85.
«A BATALHA» no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

real. Invocava-se o exemplo das províncias unidas da Holanda, completamente separadas da monarquia espanhola desde 1572, e lutando com heróica perseverança para manter o único governo que pode garantir a um povo o soberano exercício dos seus direitos e da sua liberdade; mas a situação geográfica da Holanda é especial, e, neste século, a república das Gálias federadas é apenas uma generosa aspiração para um ideal cuja realização estará mais ou menos remota, mas é certa.
O novo édito favorável aos Reformados desencadeou a fúria dos católicos.
O clero apelou outra vez para o fanatismo do povo de Paris, apontou-lhe a condenação da noite de São Bartolomeu por Henrique III e sua mãe.
O clero de Nossa Senhora não quis cantar o Te-Deum em acção de graças pelo termo da guerra civil. O Parlamento não quis estabelecer a câmara mista para julgar os Reformados.
Um concerto de pragas e maldições se elevou contra Catarina de Médicis e contra o filho, tornando-os tão odiosos aos Reformados como aos católicos.
O duque Henrique de Guise, (por alcunha o Bala-freu), fiel às tradições da casa de Lorena, ambicionava o trono de França, sob o protectorado do papa e de Filipe II. O duque e os seus partidários excitaram e avivaram os ódios populares provocados pelos irmãos contra Henrique III e sua mãe, a quem acusavam de cumplicidade com os huguenotes, em razão do último édito de tolerância.
A Companhia de Jesus, habituada à obediência passiva pelo seu fundador Inácio de Loyola, exercia em França uma influência soberana sobre as ordens monásticas, inspirava em Roma o colégio dos cardeais, e dominava em Espanha o conselho de Filipe II.
Os jesuítas favoreceram as pretensões da casa de Guise e influíram para a fundação da Liga, vasta associação secreta que em breve abrangiu toda a França.
Esta Liga tinha por fim exterminar os herejes,

Os huguenotes tinham grande vantagem nesta nova guerra religiosa.
Henrique de Bearn, cujos dias estavam ameaçados, conseguiu por fim fugir da corte e ir juntar-se aos protestantes.
Mataram minha mãe! disse ele. Mataram o senhor almirante, o meu melhor amigo. Queriam matar-me também. Livrei-me deles, e só de rastros lá voltarei.
O príncipe tomou logo parte activa nas operações militares.
Henrique III, assustado com as vitórias dos Reformados aliados aos «políticos», julgou útil obter a paz a todo o custo, não se recusar a nenhuma concessão, e depois cumprir só as promessas aos políticos, para assim os separar dos huguenotes, que seria então mais fácil exterminar.
A 30 de Abril de 1576, um novo édito confirmou os direitos da nova igreja.
«Livre e público exercício do culto reformado em todo o reino, sem distinção nenhuma. — Proibição de inquietar padres ou religiosos que casassem depois de convertidos ao protestantismo. — Criação de câmaras mistas nos oito parlamentos do reino, para julgar a causa dos huguenotes. — Restituição dos seus cargos a Henrique de Navarra, ao príncipe de Condé e aos seus adeptos. — Condenação dos excessos cometidos em Paris e noutras cidades, a 24 de Agosto de 1572 e nos dias seguintes. — Restituição dos bens confiscados aos heréticos. — Anulação das sentenças proferidas contra os huguenotes, desde o tempo de Henrique II, especialmente da que era contra o sr. de Coligny. — Concessão, por tempo indeterminado aos protestantes e católicos coligados, de oito praças fortes. — Supressão dos governadores e guarnições existindo no interior do reino, desde o tempo de Henrique II. — Retidão dos estados gerais no prazo de seis meses.»
A fracção protestante puramente republicana estava em minoria; teve de aceitar este novo édito, embora previsse que ele seria violado, como o tinham sido os precedentes, porque a garantia dele era só a palavra

Efectivamente, ele e os seus queridos conseguiram fugir, na noite de 16 para 17 de Junho, às escondidas dos grandes da Polónia, roubando as joias e pedrarias da coroa, avaliadas em mais de quinhentos mil escudos.
Os senhores polacos, dando já tarde pela fuga e pelo roubo, montaram a cavalo e perseguiram o real ladrão, desejando muito mais reaver as suas riquezas do que o seu ignóbil soberano.
Graças, porém, às precauções tomadas por este, eles não conseguiram agarrá-lo.
Mal chegou a França, foi logo sagrado pela igreja, e coroado sob o nome de Henrique III.
Fiel às suas tradições de família, pensou logo em revogar o édito de pacificação da Rochela, e em exterminar os protestantes.
Invocou o auxilio do céu para levar a bom fim esta piedosa empresa, e, na esperança de ser ageadável ao Senhor, entrou com os seus favoritos para uma confraria de penitentes; percorria as ruas cantando ladainhas e flagelando o corpo semi-nu.
Os canhões dos protestantes de Nîmes e Languedoc combatendo pela federação, responderam às ladainhas de Henrique III; e, quando ele, com Catarina de Médicis, passou perto de Livron, cidade protestante das margens do Rhodano, os habitantes, de alto das muralhas, mandaram-lhe uma chuva de balas, e exclamavam:
— Arre! assassinos! não nos vireis apunhalar à cama, como fizestes ao senhor almirante! Deixai-nos ver os vossos queridinhos perfumados e adomados! Eles que venham para cá, fazer a corte às nossas mulheres e filhas, e verão se é fácil empresa...
No dia da sua sacragção em Reims, o novo ungido do Senhor tinha pronunciado o juramento habitual imposto pela igreja católica em troca da sua consagração por Deus, como dizem os padres: «Juro exterminar a heresia».
Este juramento custou mais a cumprir do que a fazer.



O "Nero" e o governo revolucionário

E' preciso fazer um rigoroso inquérito à sua acção despótica e esbanjadora, anular todas as perseguições feitas a-propósito do conflito ferroviário e demitir os Secretários Provinciais

Os corifeus da revolução triunfante não se têm cansado de repetir que querem viver nas melhores relações com a massa proletária; e, a esse propósito, aos ventos da publicidade têm atirado com as mais vagas e as mais belas palavras.

Não se vive, porém, de palavras: — Querem-se factos concretos, realidades que traduzam a sinceridade das afirmações lançadas para a imprensa; e se o novo governo tivesse pressa de iniciar uma era de moralidade e de justiça, um dos primeiros actos a praticar seria o de anular todas as perseguições, todos os processos, todas as extorsões cometidas por este "Nero" a-propósito da greve ferroviária de Lourenço Marques, repondo os operários nos seus antigos lugares e demitindo os Secretários Provinciais, tenebrosas figuras que se movimentaram em volta do Palácio da Ponta Vermelha e contribuíram fortemente para o desenrolar da tragédia imensa que aniquilou algumas vidas, subvertendo todas as liberdades e lançou na desolação e na miséria aquela Colónia tão vasta e outrora de população tranquila e laboriosa.

Porque espera o novo Governo? Não tem a prova do tremendo fracasso, constituído por um sem número de erros, esbanjamentos, tiranias, violências, ilegalidades — que é o grosso da obra disforme e torva de Vitor Hugo?

Tem. Deve tê-la. A Batalha passou em revista todas as fases do conflito ferroviário; mas não despresou os problemas administrativos, e em ambos os campos inundou de luz vivíssima o abismo para que Moçambique estava resvalando, empurrada pela mão senil e despótica de Azevedo Coutinho.

Cometeu todas as violências, praticou todos os erros, agachou-se perante todas as ordens ou desejos dimanados do Terreiro do Paço, estranhou as mais sagradas regalias individuais e colectivas, espezinhou e amordaçou a imprensa livre, subornou todos os vadios e comilões que há muito andavam à procura de dono.

Assim, contra a letra expressa da Carta Orgânica, expulsou de Moçambique homens sem culpa formada e sem culpa conhecida; substituindo-se aos tribunais, deportou para Lisboa e para a fortaleza de São Sebastião de Moçambique, dezenas de operários; sem causa real ou aparente, encheu os calabouços de centenas de trabalhadores; apoderou-se do edifício das classes produtoras; suspendeu os jornais O Emancipador e O Direito, pondo a prêmio as cabeças dos jornalistas que os dirigiam e que tiveram de procurar na fuga a sua liberdade; lançou fora dos C. F. L. M. cerca de 400 operários antigos, para os substituir por mauricianos e reformados; e tomou a seu sócio um indivíduo preso no Niassa por entendimentos em 1918, com os alemães, indivíduo a quem mandou fornecer material tipográfico da Imprensa Nacional, a fim de o defender e denunciar todos aqueles que se não conformassem com a sua política facciosa, repente e com a sua administração desregada, inepta, nefasta, esbanjadora.

Ninguém ignora isto. A Batalha relatou-o minuciosamente. Outros jornais fizeram-se eco do estado caótico, da asfixia social e financeira que esmagava Moçambique. No Parlamento requereram-se interpeleções, cujo simples enunciado puseram o Ministério em tremuras, em sobressalto, levando-o a chamar imediatamente a Lisboa o responsável pelos terríveis desmandos que se estavam dando na África Oriental Portuguesa.

A Ordem dos advogados, suas atribuições e disposições legais

Foi já para o Diário do Governo o decreto criando a Ordem dos Advogados, que fica constituindo uma pessoa jurídica com sede em Lisboa, formada por todos os advogados do continente da República e Ilhas Adjacentes. A Ordem tem por fim: Determinar qual são as pessoas que estão habilitadas a exercer a advocacia no continente e ilhas adjacentes; defender os direitos, liberdades e interesses dos seus membros; exercer o poder disciplinar sobre os advogados, por forma a assegurar-se o prestígio da classe e a garantir-se a observância das boas normas de conduta profissional; contribuir para o progresso do direito e para o aperfeiçoamento das instituições jurídicas; e auxiliar a administração da justiça. A Ordem realizará os seus fins por intermédio de assembleias, conselhos e delegações. Haverá uma assembleia geral constituída por todos os advogados inscritos que funcionará em Lisboa, e assembleias distritais, constituídas por todos os advogados de cada distrito judicial, que funcionarão nas sedes das relações. Haverá também um conselho geral em Lisboa e conselhos distritais, igualmente nas sedes das relações. Entre outras disposições, o decreto refere-se ainda às penas disciplinares a aplicar pela Ordem que são as seguintes: advertência, censura, multa de 100 escudos a 10 contos, suspensão de três meses a um ano e expulsão.

O governo publicará a seguir um regulamento para a execução deste diploma.

Comissão Socialista de S. Estevão

Reuniu tendo protestado contra a tentativa de restabelecimento do ensino religioso nas escolas e do reconhecimento da personalidade jurídica da Igreja.

MANUEL VIEGAS GARRASCALÃO

Por uma exquísita determinação superior, este nosso camarada é removido hoje da cadeira do Limoeiro para o Forte de Monsanto, onde aguarda a visita dos seus camaradas e amigos.

As proesas da aviação

PARIS, 11. — O tenente-aviador Thoret realizou a travessia dos Alpes numa simples avionete de turismo, de 40 cavalos de força. — (L.)

A sala-palratório

que se pretende estabelecer nas cadeias civis é um sistema anti-humano

De um preso das cadeias civis recebemos cópia de uma carta aberta dirigida ao sr. ministro da justiça. A pedido, e porque reconhecemos a sua razão, publicamos essa carta integralmente:

Ao senhor ministro da Justiça: — A atitude que v. ex.ª tomou para com os presos da Cadeia do Limoeiro, sancionando um parecer da Inspeção Geral das Prisões, obrigou-nos a tomar uma atitude que estamos somente a tentar modificar, e para isso somente basta v. ex.ª revogar definitivamente o despacho ministerial, proibindo-nos as visitas de pessoas de família diariamente, permitindo somente que elas nos visitem de oito em oito dias e numa sala apropriada (sistema penitenciário).

Senhor ministro: — O parecer da Inspeção Geral das Prisões que foi presente a v. ex.ª, baseia-se no art.º 125 do Regulamento das Cadeias Civis de Lisboa, mas podemos garantir a v. ex.ª que há 46 anos esse art.º não é cumprido.

O mesmo parecer foi levado à assinatura do ex-ministro ex.º sr. dr. Catão de Menezes, que não desejando acarretar sobre si uma responsabilidade tremenda e ao mesmo tempo sancionar um parecer anti-humano, negou-lhe a sua assinatura. V. ex.ª que é dotado duma inteligência apreciável e dum critério justo, desejando alimentar todos os seus despatches em processos modernos não deve permitir que se faça ressuscitar aquilo que há 46 anos está posto de parte.

Directores conservadores têm passado por estas Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Mas, o que é para lamentar mais, é que logo no mesmo dia em que v. ex.ª tomou posse, alguém, cujos fins são fáceis de desvendar, apresentou a v. ex.ª e certamente de afogadilho (sem dar tempo a v. ex.ª estudar o caso) esse "parecer".

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas adentro do Economato destas Cadeias, lembrando a conveniência duma sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar e, revoltam-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo adentro do nosso encarceramento — visitas diárias de nossas famílias.

A Inspeção Geral das Prisões finge esquecer-se que nós somos presos preventivos, o que significa que o crime de que somos acusados ainda não está provado. Quantas pessoas que permanecem aqui longos meses e até anos como presos preventivos, aguardando ipso-facto julgamento, são absolvidos?

Será bom notar que ao preso preventivo não se lhe pode tirar os seus direitos, mas suspender apenas as suas regalias! E, a visita diária das nossas famílias é um direito incontestável!

Segundo informações que temos pensa v. ex.ª autorizar pelo vosso Ministério a verba de Escudos 35.000\$00 para construção duma sala que servirá de palratório, onde os presos receberão de oito em oito dias as visitas de suas famílias.

Será, bom, antes de v. ex.ª autorizar esta verba, fazer uma visita às Cadeias, pois, terá ocasião então de notar que essa verba bem melhor destinada será a outras coisas, como por exemplo:

Na enfermaria da Cadeia do Limoeiro existem duas banheiras que estão impróprias de se tomar banho nelas. O balneário é uma perfeita porcaria. A escada que nos conduz para o mesmo e para a sala de visitas está num perfeito caos e não será para estranhar que qualquer dia se tenha que registar algum desastre.

Nas salas os presos dormem, na sua maior parte, no chão, em enxergas velhas. O sustento dos presos, embora hoje um pouco melhor, é terrível (e isto porque se desviam, da importância orçamental respectiva verbas para outros fins). A enxovia onde se encontram presos em demasia, é tudo quanto há de pior.

Se v. ex.ª está na disposição de olhar pelas cadeias civis de Lisboa, começará muito bem, ordenando uma imediata sindicância ao Economato e dotando o mesmo do indispensável que não possui.

Fala-se na sala "palratório" para os presos do Limoeiro, dizendo-se que é contra a disciplina os presos receberem as suas visitas nas salas onde se encontram. Isto obriga-nos a perguntar: que actos de indisciplina já se deram por este motivo?

O sistema de sala "palratório", quando anti-humano, só hoje está adequado à Penitenciária, onde se encontram condenados; nós presos preventivos não podemos perder aquele direito, salvo se v. ex.ª quiser assumir as responsabilidades graves que daí possam derivar! — Junho de 1926. — Moreira Rato.

ORGANIZAÇÃO GRÁFICA

Reunião de delegados de oficinas

Reuniu no próximo dia 16, pelas 21 horas, na sede da Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares, os delegados gráficos por oficina para tratarem da seguinte ordem dos trabalhos:

- 1.ª — Constituição da Comissão Organizadora do Sindicato de Indústria Gráfica, que se desdobrará em 3 sub-comissões, a saber:
 - a) Comissão elaboradora do Regulamento do Sindicato da Indústria Gráfica.
 - b) Comissão de Relações Inter-sindicais.
 - c) Comissão de Estatística.
- 2.ª — Constituição da Comissão elaboradora da Organização de Trabalho nas casas de obras.
- 3.ª — Vários assuntos.

Rendimentos dos operários

No edifício da Manutenção Militar, ao Beato, encontrava-se ontem procedendo a várias reparações o electricista Julio Peres, de 26 anos, residente na Travessa de Santa Quitéria, pálio do Sacramento, 14, 1.ª D., que caiu de uma escada, ficando muito contuso pelo tórax e ferido no rosto; sendo pensado no posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, recolheu depois à enfermaria de S. Francisco do Hospital de S. José.

CARTA DE COIMBRA

Como decorreram as festas da "Semana da Criança"

COIMBRA, 9. — As festas da "Semana da Criança" terminaram no dia 6, tendo decorrido sempre no meio da maior alegria da pequenada, sendo o programa das festas executado com o máximo brilhantismo.

No dia 5, realizou-se no Jardim Botânico a confraternização das crianças de todas as escolas da cidade e arredores, tendo dado o seu concurso a este acto a excelente banda de infantaria 23.

Pelas 14 horas, via-se um enorme movimento de crianças pelas espaçosas ruas do jardim, com a assistência de muitas pessoas de família das crianças.

As crianças, à medida que iam chegando ficavam absolutas senhoras da sua vontade, indo brincar com quem preferissem.

E' este um processo experimental de moderna educação e que tem dado óptimos resultados, pois a criança nunca deve ser contrariada nas suas preferências ou simpatias.

O local da festa não podia ser mais apropriado, já por ser um dos mais belos jardins do país, como também por se tornar fácil a vigilância das crianças naquele recinto, que está isolado do movimento cívico.

Pelas 16 horas foi distribuído uma abundante merenda, fornecida pela comissão das festas.

A debandada começou às 17 horas. A' noite, pelas 22 horas, realizou-se na Associação dos Artistas uma conferência — Alguns vícios na educação das crianças — sendo conferente o dr. sr. Costa Mota, professor da Escola Normal.

Noutro número faremos o relato desta conferência, a todos os títulos interessante. No dia 6, teve lugar a quermesse em benefício da "Semana da Criança", na Avenida do Navarro, tendo o público de Coimbra correspondido galhardamente aos desejos da comissão, pois em poucas horas se exgotaram as inúmeras prendas de que constava a quermesse.

Uma conferência do dr. João Bacelar

Conforme prometemos, damos hoje o relato da conferência do dr. sr. João Bacelar, director da Tutoria da Infância, que se realizou no dia 3, na sala da Associação dos Artistas.

O conferente começa por explicar que o problema infantil é muito mais complexo do que o vulgarmente imagina. Expõe qual a sua concepção em face da delinquência infantil. Em regra, a acção do Estado vai apenas, embora imperfeitamente, reflectir-se na criança que já delinquir, quando vota ao abandono a assistência às crianças normais.

Isto é o Estado acaba por onde devia começar. Em vez de procurar remediar o mal, devia, antes, evitá-lo. Preocupando-se mais em extinguir os efeitos sem curar das causas, resulta quasi sempre uma inutilidade dos esforços, junto com um enorme dispêndio de dinheiro.

A maior parte das crianças delinqui por falta de amparo social. São vítimas das condições económicas do país, da educação, da organização da família e, sobretudo, do meio em que vivem, da imitação e do exemplo.

Quem uma vez leu — diz — "Le Culpable" de François Coppe, não pode ter dúvidas de que isto é assim.

Em geral mais de 70 % dos casos têm necessidade de procurar fora de casa os meios de subsistência e pouca atenção podem prestar aos filhos. E' o abandono com todas as suas consequências. Não admira, pois, que nestas circunstâncias a influência que as crianças sofrem num ambiente pervertido da sua vida de miséria se reflita no seu futuro.

Apresenta diversos exemplos de criminosos célebres que começaram na meninice a sua vida criminal.

São as tristes condições económicas do povo que fazem os homens criminosos e as mulheres perdidas.

A sociedade em vez de prevenir, apenas teima na repressão dos seus efeitos, não facultando à infância a protecção a que tem direito.

¿ Não seria mais humano — pergunta — evitar o mal do que tentar remediar-o por processos cujo êxito ainda não hoje uma incógnita?

Em Portugal, os poderes públicos não têm dedicado o seu carinho a este grave problema social. Enquanto na França e noutros países muito se tem feito neste sentido, entre nós a iniciativa particular não faz, e o Estado julga cumprido o seu dever protegendo a infância com decretos no Diário do Governo.

Combate toda a forma repressiva que se queira aplicar ao menor delincente, por contraproducente e anti-humana. Deve-se afastar a criança dos inconvenientes dos julgamentos nos tribunais comuns.

Nada de aspectos prejudiciais; nada de ministério público, nada de advogados, nada de estrados. Apenas um homem que está ao pé da criança, que lhe fala simplesmente, paternalmente, que lhe toma as mãos e torna assim as suas palavras mais amáveis, mais persuasivas — tal é a opinião dominante.

O decreto que criou as tutorias comarcas, em vez de primar por estes princípios, arranhou um novo organismo com todos os inconvenientes dos antigos. As crianças continuam a apodrecer em enxovias imundas, em promiscuidade com toda a espécie de criminosos. O aparato penal o mesmo; os mesmos julgadores com a sua psicologia profissional, sem preparação nem especialização da individualização dos menores.

O decreto inutilizou, por conseguinte, os efeitos salutares dos tribunais da infância. A nossa legislação conserva um fundo repressivo condenado em todos os países cultos, que hoje apenas consideramos e executamos os processos educativos, que são até racionalmente os únicos recomendáveis.

Os sistemas repressivos são mais uma ilusão desfeita. Nem nos adultos os seus resultados têm sido animadores. Haja em vista a série interminável de tais regimes, que tendo ido da pena de morte ao degredo tem cedido o lugar a sistemas bem mais práticos e compreensíveis.

O conferente analisa, detalhadamente, o que no estrangeiro se tem feito no sentido

HORARIO DE TRABALHO

Empregados no Comércio e Indústria

O Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria, que vinha tratando do cumprimento da lei do horário de trabalho, viu-se forçado a interromper toda a acção que estava desenvolvendo em prol desta justa regalia, devido aos últimos acontecimentos revolucionários.

Estando em vias de normalização a situação política, vai novamente este Sindicato reatar os seus trabalhos começando por entreter as entidades respectivas.

Recomenda este Sindicato a toda a classe que tenha confiança e serenidade, pois conta este organismo levar a bom termo a sua missão.

Nota da Associação dos Caixeiros

A Direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa constata, com agrado, que as autoridades policiais, satisfazendo as consecutivas diligências feitas junto do Governador Civil e Comandante da Polícia, estão fazendo cumprir o horário do trabalho em algumas áreas da cidade.

Para hoje está apurada uma conferência sobre o assunto com o Governador Civil de Lisboa.

SOLIDARIEDADE

Comité Pró-presos por Questões Sociais

Na última nota publicada foi incluída a importância de 74\$00, uma quota que por lapso se disse ter sido tirada entre os carpinteiros das obras do Manicócio, quando é certo que a mesma quantia foi conseguida pelos pintores das referidas obras. Importâncias recebidas ultimamente:

Quota nas of. gerais da C. P., 22\$45; S. Metalúrgico (secção de Belém), lista 76, 37\$80; (seção) lista 163, 9\$50; (seção) do P. do Bispo) listas 77 e 78, 6\$50; Cravos leiloados num saia em 24 de abril no Salão da C. Civil, 9\$00; N. J. S. de Lisboa, quotas nas festas da Semana da Criança no Salão da C. Civil, 11\$10; da venda dum jarro e uma taça oferecidos ao comité por ocasião das festas da Batalha, 30\$00; Ass. dos Encadeados e Anexos, 25\$00; Carpinteiros das obras do Manicócio, 17\$250; António Manuel Vinhal, lista 408, 37\$00; entregue pela administração de A. Batalha, 20\$000.

O conselho administrativo do sindicato da construção civil de Lisboa apela para todos os camaradas, no sentido de hoje nos locais onde trabalham, serem tiradas subscrições em auxílio das camaradas Alfredo Lopes e Francisco Gil, que se encontram retidos no leito atacados de peritiza doença que os impossibilita de auferir o sustento das suas famílias.

Que nenhum se esqueça de auxiliar estes camaradas, trazendo o produto das quotas à sede do sindicato, onde se encontrarão delegados das secções dos carpinteiros e canteiros para receber as importâncias.

CRISE DE TRABALHO

Sindicato Unico do Mobiliário

Para tratar da crise de trabalho, baixa de salários e empreiteiros, questões estas que vêm atacando fortemente a indústria, reúne-se na próxima quarta-feira, às 21 horas, a assembleia magna dos operários desta indústria.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Sindicatos dos Tanoeiros

Realiza-se amanhã a comemoração do 37.º aniversário do Sindicato dos Tanoeiros.

A's 14 horas haverá uma sessão solene seguida duma conferência pelo nosso camarada Santos Arranha e inauguração da bandeira do Sindicato.

A's 21 horas realizar-se-há uma festa em auxílio do nosso camarada Lúcio dos Santos a qual constará de certame de fados e variedades desempenhada pelo grupo "Os Lagartos".

CONFERÊNCIAS

"Ciência meteorológica"

Realiza-se na próxima segunda-feira, pelas 21 horas, na Liga dos Oficiais da Marinha Mercante, uma conferência subordinada ao tema: "Utilidade da ciência meteorológica e seu desenvolvimento". E' conferente o capitão de fragata sr. Carvalho Brandão.

"O problema do Mondego"

COIMBRA, 9. Sob o tema "O problema do Mondego" realizou ontem, na Universidade Livre, uma conferência o estudante de Letras sr. Falcão Machado, distinto colaborador de A. Batalha.

Expõe as causas do açoreamento do rio Mondego e as pretensas soluções que têm aparecido tendentes a resolver o problema. Examina os constantes prejuízos que o açoreamento causa a esta região, debaixo do ponto de vista agrícola, geográfico e industrial.

Apresenta, em sùmula, as quatro soluções que se conhecem sobre este assunto: Baldaque da Silva, Torres Garcia, Sousa Larcher e Correia Monteiro.

Preferê a última como a mais viável, segura e de maior interesse para a região sob todos os pontos de vista.

O conferente, que mostrou possuir conhecimentos do assunto, agradeceu bastante, tanto mais que se tratava de discutir um problema de cuja solução depende bastante a economia desta região. — C.

de protecção à criança, expondo exemplos frísantes dos magníficos resultados colhidos.

Termina por apelar, junto da assistência, para que se funde uma Liga de Protecção à Infância Abandonada, porque se o Estado não faz, ao menos que a iniciativa particular se manifeste, e é a opinião que esta é uma das formas mais úteis de se comemorar a Semana da Criança.

O conferente foi muito aplaudido pela sua brilhante exposição. A comissão da Semana da Criança vai editar em folheto esta conferência. — C.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. C. Civil. — Secção dos Serenatos. — A comissão administrativa previne os sindicatos em atraso de cotas a comparecer na sua sede, a fim de esclarecer o regularizar a sua situação para com o sindicato. Para atender os que compareçam, encontrar-se-há, às terças e sextas-feiras, das 20 às 22 horas, um membro desta comissão.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Ferroviária. — A's 18,30 horas, a comissão executiva.

Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa. — Caixa de Auxílio na Doença. — A assembleia geral, pelas 8 horas da manhã, para apreciar assuntos de alta importância para a mesma, para o que se torna necessária a comparencia do maior número de associados.

Contramestres, Marinheiros e Moços. — Pelas 20 horas, a comissão administrativa, para assuntos de interesse indaível.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Associação da Construção Civil de Lisboa-Pastora e Arredores. — Em assembleia geral, reúne esta Associação amanhã, pelas 15 horas, para se ocupar da seguinte ordem dos trabalhos:

Eleição da comissão administrativa, que há de gerir esta Associação, em vista da Direcção eleita não quer tomar posse, e a antiga comissão dar por findos os seus trabalhos no corrente mês de Junho.

Em seguida aos trabalhos da assembleia haverá uma sessão de propaganda na qual fará uso da palavra delegados da C. O. T. e Federação da C. Civil.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Coimbra. — Reünio-se ultimamente sendo apreciado o expediente, entre o qual se destacava uma "Proclamação" emanada da Federação, pondo os jovens de sobre-aviso contra a tentativa da ditadura militar.

Foi resolvido tomarem a cargo a venda da Voz Sindical, sendo resolvido, também, enviarem para este jornal colaboração efectiva, literária e de doutrina, correspondendo, assim, a um pedido nesse sentido feito pela redacção daquele jornal.

Tratou-se, por fim, de se estudarem as possibilidades de se adquirir sede própria para o Núcleo, pois há um grupo de intelectuais na disposição de auxiliarem moral e materialmente este organismo na luta pró-elevação mental da juventude proletária.

Toda a correspondência para o Núcleo deve ser dirigida a Tomás da Silva, R. das Padeiras, 26.

Núcleo de Portimão. — Reünio-se em assembleia geral para apreciar a marcha dos trabalhos de propaganda. Protestou-se contra o procedimento havido no sindicato dos Fragateiros, em cuja sessão de propaganda se recusou reconhecer um delegado deste Núcleo que a munido da respectiva credencial e resolveu-se recorrer ao conselho de delegados da U. S. O. para solução do incidente e oficiar à F. J. S. em consulta acerca da atitude mais conveniente a tomar pelo Núcleo.

A casa H. Parry & Sons

pretende coagir os operários da construção civil de Cacilhas a atentar contra o horário de trabalho

ALMADA, 11. — A casa H. Parry & Sons, com oficinas no Ginjal (Cacilhas), vem de há muito contribuindo para agravar a crise de trabalho que actualmente atravessam as classes operárias.

Até à data tem vindo despedindo, semanalmente, grande número de operários metalúrgicos. Os poucos que ainda conserva ao seu serviço têm o trabalho reduzido a 4 horas por dia e são ainda constantemente ameaçados de despedimento.

Sabemos, de fonte segura, que este industrial vem de há muito forjando uma baixa de salários, sendo seu intento fechar temporariamente as oficinas, para depois, valendo-se do chômage, admitir novos operários por salários inferiores. Desta vez a ameaça caiu sobre os operários da construção civil que se encontram ao serviço desta casa na doca de Cacilhas. Estes, por intermédio do mestre de obras Manuel Martinez, foram avisados de que o patrão, tendo urgente necessidade de concluir os trabalhos num curto prazo de tempo, propunha-lhes que trabalhassem 10 ou mais horas, pagando-lhes todo o tempo a singelo. Disse ainda o aludido Martinez aos operários que no caso de não aceitarem esta proposta as obras seriam encerradas por tempo indeterminado.

Estamos convencidos de que os operários acordarão do sono letárgico em que se têm mantido e irão para o seu sindicato a fim de tomarem uma decisão sobre a iniqua ameaça que sobre eles impende.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Em Murtosa inaugurou-se uma Associação da Construção Civil

No dia 1.º de Maio realizou-se em Murtosa uma sessão solene de inauguração da Associação dos Operários da Indústria da Construção Civil e Artes Correlativas.

A sessão que teve uma farta concorrência decorreu muito animada, tendo feito uso da palavra vários oradores, entre os quais o camarada Santos Júnior, tendo terminado pela inauguração da bandeira sindical.

Os elementos reacçãoários da localidade não viram com bons olhos a fundação da primeira Associação Operária que se conseguiu organizar no concelho, e procuraram por todos os meios influir no espírito da população o seu afastamento do referido organismo, mas todo o seu trabalho de sapa resultou inútil, porquanto o operariado de Murtosa e seus arredores vai também já compreendendo que na sua união reside a força indispensável para se libertar dos seus opressores.